



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PÓS GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL EM DÉFICIT
COGNITIVO E EDUCAÇÃO DE SURDOS/PÓLO UFSM**

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo Monográfico de Especialização

Simone Raquel Mattje

**O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM
NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Por

Simone Raquel Mattje

Monografia apresentada ao curso da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do **grau de Pós Licenciada em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos.**

Capão da Canoa, outubro de 2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação**

**Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e Educação
de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização.

**O Processo de Inclusão de um Aluno com Necessidades Educativas
Especiais na Educação Infantil.**

elaborado por

Simone Raquel Mattje

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos***

Comissão examinadora:

Prof. Dra Melânia de Melo Casarin

Prof. Ms. Caroline Corrêa Fortes Chequim

Prof. Ms. Elinara Leslei Feller

Capão da Canoa/RS, 2010

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por ter me dado força nos momentos em que tive dificuldade e incertezas, pois sempre que necessário pedi sua ajuda e fui atendida.

À minha família: meus pais, **MÃE EVANI** e **PAI ELIO**, que são as pessoas que além de terem me dado a vida, me deram e me dão apoio e força para seguir cada nova etapa de evolução.

Aos meus avós amados, **LETÍCIA** e **ARLINDO** que sempre me ajudam com suas palavras doces e amigas e ao meu irmão **DOUGLAS**, pelo amparo e humildade.

Ao meu namorado, **JONAS**, pela compreensão, atenção e carinho que teve comigo durante os períodos que estive ocupada.

A todas as pessoas, que de alguma forma, fizeram parte desta passagem, seja aconselhando-me, opinando ou simplesmente ouvindo-me, o meu muito obrigado.

EPÍGRAFE

“É preciso ser criativo para inventar novas formas de organização e de ação. É preciso ter coragem de correr riscos, dispor-se a experimentar, rever o que foi feito e mudar o que não deu certo. E também nesse momento que ficam mais evidentes as carências na formação profissional dos docentes, a necessidade da formação em serviço, o papel da orientação pedagógica, o valor do trabalho coletivo da equipe escolar.”

Marli André

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O presente trabalho teve como objetivo a inclusão de um aluno de quatro anos com deficiência mental em sala de aula de pré-escola de Educação Infantil do Município de Capão da Canoa, visando sua inclusão escolar e o seu desenvolvimento. Participaram deste estudo, o professor da sala de aula, a família do aluno especial e os demais alunos da turma e professores. A partir do tema de pesquisa, delimitar a opção metodológica a uma abordagem qualitativa, usando como instrumento de pesquisa, observações, orientações, entrevistas familiares, encaminhamentos e intervenção pedagógica. O universo de investigação deu-se em uma sala de pré-escola para atender este sujeito especial, buscando identificar as necessidades e potencialidades gerais da criança incluída, assim como também o desenvolvimento integral do aluno no que se refere aos aspectos cognitivos, lingüísticos, e de socialização, que foram trabalhadas utilizando como intermédio, o brincar, a música e seus atributos, assim como também aos colegas “normais” do aluno especial, foi apresentado contos infantis sobre a diversidade, expondo que as diferenças existem e devem ser respeitadas e o acompanhamento de uma fonoaudióloga. Com os dados obtidos na entrevista com o professor e com a família e até com os demais professores da escola, pude notar que existia muito medo, insegurança e desinformação para participar do crescimento e desenvolvimento deste indivíduo e por isto realizei orientações e auxiliiei o professor a adaptar as atividades escolares, assim como a promoção de palestras informativas para todos os professores da escola sobre o papel da educação especial, as deficiências e de como irá funcionar os atendimentos em sala Multifuncional (AEE) que está para ser implementada como pólo, para o final do ano ou início do ano que vem. Todas estas ações no processo de inclusão escolar deste aluno, facilitaram as atividades de seu cotidiano, suas relações e seu crescimento junto a escola de educação infantil e fora dela.

Palavras Chaves: Acompanhamento Especial, Inclusão Escolar, Ações Pedagógicas, Na Educação Infantil

AUTOR: SIMONE RAQUEL MATTJE
ORIENTADOR: MELÂNIA
Capão da Canoa, 2010

ABSTRAT

Article of Specialization
Course of Specialization in Special Education - Deficit Cognitivo and Educação de Surdos
Federal University of Saint Maria, RS, Brazil

THE PROCESS OF PERTAINING TO SCHOOL INCLUSION AND PEDAGOGICAL ACTIONS FOR THE DEFICIENT ATTENDANCE TO MENTAL IN THE INFANTILE EDUCATION

This study aimed to include a four-year student with learning disabilities in the classroom pre-school kindergarten in the city of Capon of Canoa, seeking their inclusion in school and their development. Participated in this study, the teacher's classroom, the subject's family and other special students in the class and teachers. From the research topic, the methodological choice to circumscribe a qualitative approach, using as a tool for research, comment, guidance, family interviews, referrals and educational intervention. The research universe was in a room pre-school to attend this particular subject, seeking to identify the general needs and potential of the child included, as well as the development of the student in relation to cognitive, linguistic, and socialization, using as they have worked through the play, the music and its attributes, as well as colleagues "normal" special student, was presented children's stories about diversity, showing that differences exist and should be respected and monitoring a speech therapist. With the data obtained in the interview with the teacher and family and even with other teachers from school, I noticed that there was much fear, uncertainty and misinformation to participate in the growth and development of individual and realized this guidance and help teachers to adapt school activities, as well as the promotion of informative lectures for all school teachers on the role of special education, disability and how it will operate the mental room Multifunctional (ESA) that is to be implemented as a hub for the end of the year or early next year. All of these actions in the process of school inclusion of students, facilitated the activities of their daily lives, their relationships and their growth at the school of kindergarten and beyond.

Keywords: Monitoring Special School Inclusion, Stocks Pedagogical In Early Childhood Education

AUTHOR: SIMONE ORIENTING RAQUEL
MATTJE: MELÂNIA
Capon of the Canoe, 2010

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	08
2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO.....	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1- Algumas considerações sobre Inclusão Escolar	16
3.2- Algumas considerações sobre a Deficiente Mental	18
3.3- Algumas considerações sobre o lúdico, a família e a literatura infantil	21
4. ANÁLISE DOS DADOS	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. APRESENTAÇÃO

As mudanças ocorridas nos últimos anos no cenário mundial trouxeram modificações nas relações do homem com o mundo, bem como novas formas de compreender o sujeito, que produz ou é produzido por estas mudanças. Nesse contexto o tema inclusão de um aluno com necessidades educativas especiais na educação infantil é emergente, a diferença deve ser encarada como parte da natureza humana e, como humanos, temos uma capacidade de aprendizagem, de auto-organização, de interação social, que consiste na potencialidade de transformações.

Nesta perspectiva, observa-se uma grande mobilização frente a esse novo paradigma, principalmente no que se refere à inclusão escolar de crianças com NEEs nas salas de aulas do ensino regular, e a preocupação com o atendimento e o desenvolvimento destas necessidades, a fim de que a real inclusão se concretize de forma a auxiliar na aprendizagem deste aluno e nos seus direitos como ser humano e aprendiz.

Significativo avanço da LDB/96 é a oferta de educação para crianças com necessidades educativas especiais entre 0-6 anos, em Centros de Educação Infantil, com serviços de apoio especializado, que tem como finalidade o desenvolvimento integral deste aluno, com a promoção dos aspectos físicos, psicológicos, sociais, intelectuais e culturais.

O referencial curricular de Educação Infantil 1998 constitui-se em um conjunto de referências e orientações didáticas, trazendo como eixo do trabalho pedagógico: “o brincar como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil e a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma (p.13)

Nesta perspectiva, o grande desafio é a “inclusão da diferença”. Isto significa assegurar o atendimento às necessidades básicas de desenvolvimento sócio-afetivo, físico, intelectual e, ao mesmo tempo, garantir o avanço na construção do conhecimento, mediante procedimentos didáticos e estratégias metodológicas adequadas as necessidades de todas as crianças.

Incluir alunos com necessidades especiais no sistema de educação infantil não requer necessariamente um currículo especial, mas, ajustes e algumas modificações que propiciem o avanço no processo de aprendizagem desses alunos. Alunos com necessidades educacionais especiais estão cada vez mais presentes no ensino regular. Frente a isso surge à necessidade de escolas e professores criarem maneiras de fazer, de fato, a inclusão educacional desses alunos.

Nesse sentido crianças com deficiência mental, além de professores que busquem maior formação precisam também de um local adequado e um profissional totalmente preparado para atendê-los a fim de auxiliá-los na construção de conhecimentos respeitando seu ritmo e forma de aprendizagem.

Por isso, se tornou necessário o papel de educadoras especiais no contexto das escolas de educação Infantil do Município, e por vias de concurso o Município ficou suprido de profissionais especializados nesta área, então alunos que antes eram atendidos em escola especial ou APAES foram incluídos em escolas regulares.

Meu trabalho iniciou-se na escola de educação infantil em 2009, foi onde participei do processo de inclusão de alunos como Surdez, Paralisia Cerebral, Transtornos Globais do Desenvolvimento e Deficiente Mental (Síndrome de Down). Optei então por escrever minha pesquisa sobre um aluno com Deficiência Mental.

Este trabalho vinculou-se primeiramente ao acompanhamento deste aluno que possui quatro anos de idade, com DM na sala de aula de pré escola na educação infantil do Município de Capão da Canoa, visando sua inclusão escolar e o seu desenvolvimento.

Assim, acreditando que o sucesso do processo de inclusão escolar está diretamente associado á capacidade de perceber e compreender as necessidades e potencialidades do aluno e os aspectos norteadores para o seu desenvolvimento global buscou-se, identificar e conhecer as limitações e potencialidades do aluno, auxiliar o professor, os demais alunos e orientar a família e a escola quando houvesse necessidade.

Portanto, a referida pesquisa foi de caráter qualitativo e consistiu em observações, orientações, entrevistas, encaminhamentos, palestras informativas e no

acompanhamento ao aluno dentro da sala de aula, dando suporte ao aluno e ao professor nas atividades desenvolvidas e nas adaptações.

O presente artigo está organizado em cinco seções: Apresentação, Caminhos da Investigação, Referencial Teórico, Análise dos Dados e Conclusão e espera-se com ele mostrar o trabalho e o acompanhamento, enfim o processo de inclusão realizado com esta criança especial e com os demais envolvidos, onde se torna essencial e indispensável para o conhecimento e compreensão da diversidade e o respeito a elas.

Também, no decorrer deste processo de Inclusão e com o surgimento das salas Multifuncionais e a demanda de alunos com necessidades especiais, a escola de educação infantil terá um pólo de AEE (Atendimento Educacional Especializado), com previsão de abertura para os atendimentos, para o final de 2010 ou início de 2011 que contribuirá e será de grande relevância, suporte e complementação para o nosso trabalho e para o desenvolvimento deste aluno que será contemplado com esta modalidade, entre outros que também se beneficiarão deste atendimento.

2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Este trabalho tratou a respeito do processo de inclusão escolar e no acompanhamento a um aluno de quatro anos com deficiência mental em uma escola de educação infantil na cidade de Capão da Canoa, litoral do Rio Grande do Sul. A escola está inserida em meio a uma comunidade carente localizada longe do centro da cidade.

O trabalho em sala, inicialmente foi realizado com o professor regente da turma onde a criança foi incluída. Sendo promovido, encontros, troca de materiais informativos específicos desta área e conversas a fim de sanar as dúvidas, ultrapassar preconceitos e preparar o profissional para que não haja distinção do aluno DM do resto da turma, assim como também, adaptação de atividades e projetos a fim de juntos, promovermos o sucesso escolar do aluno incluído.

Com os pais, sujeitos de pesquisa, além de conhecer o professor da sala e demais professores da escola busquei conhecer a história vivida por esta criança, até antes da gestação aos dias de hoje, além de esclarecimentos quanto o seu desenvolvimento (avanços e dificuldades) e orientações sempre que houve a necessidade.

Posteriormente, após o contato com o professor e com os pais, foram realizados trabalhos com os demais alunos da sala de aula, para receber o novo colega. Este trabalho foi construído aos poucos dentro da sala de aula, utilizando como meio de intervenção e mediação, brincadeiras, jogos em grupos e hora do conto levando os demais alunos que possuem este colega especial, compreensão da diversidade e da diferença, assim como, o respeito à individualidade de cada pessoa, além de responder as indagações de cada um, quando surgirem.

Além disso foram realizadas observações a respeito das potencialidades e necessidades do aluno no que se refere aos aspectos sociais, cognitivos e lingüísticos. Pois se percebeu que o aluno tem dificuldade em se manter sentado participando de alguma atividade e posteriormente dentro da sala, também chora muito devido a sua adaptação na escola. Percebi também que o aluno não identifica semelhanças e diferenças nos objetos, nas cores, formas, etc. não sabe usar o lápis, tem muita falta de atenção e concentração para realizar as atividades. Não tem controle dos esfínteres, utiliza ainda fraldas. Sua linguagem não apresenta riqueza de vocabulário, somente

imite sons vocálicos. Porém o mesmo possui uma boa linguagem compreensiva e mostra interesse espontâneo para imitar gestos e movimentos corporais nos momentos de hora da música e nas atividades de psicomotricidade o que será um meio para desenvolver suas potencialidades.

Portanto, com o acompanhamento ao aluno na sala de aula, mostrou-se necessário desenvolver e estimular os aspectos relacionados à sua aprendizagem, autonomia e linguagem oral, tendo como intermédio para a estimulação destas capacidades, o lúdico, a música, adaptações de atividades, desenvolvimento de ações e a necessidade de encaminhamento para uma fonoaudióloga.

Com os demais professores, funcionários e alunos da escola também se mostrou necessário realizar um trabalho para que o processo de inclusão deste aluno se concretizasse, pois se percebeu que alguns professores tinham curiosidade de saber sobre a deficiência da criança incluída e tinham em alguns momentos certa dificuldade em se relacionar com a mesma. O que acontecia também com os demais alunos que se afastavam e tinham medo de brincar ou estar perto dele, ou o tratavam como um boneco e/ou bebê.

Para identificar as principais dúvidas e limitações do professor, dos pais da criança especial e dos alunos sobre a inclusão escolar dessa criança no contexto da sala de aula de educação infantil do ensino regular e demais considerações que envolvem o desenvolvimento integral deste sujeito especial, optei por encaminhar este trabalho dentro da abordagem qualitativa, encarando a pesquisa como um processo de construção, considerando Bogan e Biklen (1994), que argumentam que o planejamento da pesquisa qualitativa precisa ser feito de acordo com as necessidades do trabalho, já que os investigadores qualitativos partem para o estudo munidos das suas experiências e dos seus conhecimentos com hipóteses formuladas, mas com a possibilidade de modificá-las à medida que se avança no trabalho de pesquisa.

Assim acredita-se que essa modalidade de pesquisa permita entender de maneira mais aprofundada o objetivo de estudo e construir, dessa forma, reflexões em torno do tema em questão.

Para a construção dos dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, que segundo André e Lúdké (1986) são um dos componentes fundamentais do trabalho de

campo na pesquisa qualitativa, contendo questões abertas, tanto com o professor como os pais da criança com NEEs.

Esta coleta de dados ocorreu no período letivo de 2009, período este que a escola recebeu este aluno como integrante do contexto e da comunidade escolar.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

“Como filosofia, incluir é a crença de que todos têm direito de participar ativamente da sociedade, contribuindo de alguma forma para seu desenvolvimento. Como ideologia, a inclusão vem para quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados”.

(WERNECK, 2000 p.42).

A partir deste conceito pode-se pensar o que é realmente a inclusão e de que se trata todo este processo.

Na década de 20, a inclusão tinha na realidade um caráter integrador e, até mesmo, segregador, isto é, as pessoas com necessidades especiais não eram respeitadas em seu ritmo e suas necessidades, tendo esta pessoa de se adequar na sociedade e tentar segui-la. Este é o significado da integração, algo que até hoje é muito confundido e interpretado como inclusão.

O processo inclusivo mostra-se necessário já há muito tempo, porém só obteve real espaço e atenção no Brasil a partir da nova LDB (lei de diretrizes e bases) que prevê a questão da educação especial. Esta deve ser trabalhada dentro das escolas regulares. A partir daí há um grande esforço em tornar as escolas regulares um espaço aberto às diversidades. Porém com apenas um olhar para a educação inclusiva podemos notar que ainda falta muito para isso.

“Por inclusão estou me referindo ao acesso, ingresso e permanência deste aluno em nossas escolas, como aprendizes de sucesso e não como números de matrícula ou como mais um na sala de aula do ensino regular. Estou me referindo à sua presença integrada com os demais colegas, participando e vivendo a experiência de pertencer, isto é, de estar no palco, sem ser o herói ou o vilão”.

(CARVALHO, 2000 p.42).

A inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino tem sido um assunto bastante discutido, tanto nos segmentos educacionais quanto nos sociais, no entanto falar de inclusão não é tarefa fácil, porém necessária. Incluir não significa colocar o aluno na escola sem dar condições necessárias de permanência e assistência educacional, mas sim dar suporte pedagógico, além de um ensino de qualidade que desenvolva suas potencialidades e necessidades.

Na escola regular as pessoas com necessidades especiais possuem maiores possibilidades de crescimento por conviverem com a diversidade, porém o conceito de inclusão não significa socializar o indivíduo com deficiência, mas sim incluí-lo em uma sociedade alfabetizada capaz de produzir, trabalhar e ser independente. “Ao privar as crianças normais da convivência com seus pares deficientes tiramos de todos a chance de se exercitarem na construção de sua cidadania”.(WERNECK, 2000 p.64).

Sendo assim podemos nos apropriar do princípio de que a inclusão é um direito tanto para deficientes quanto para não deficientes, à medida que torna as relações mais fáceis e diminui relativamente os preconceitos e a discriminação.

Um ponto essencial, talvez o mais importante na aceitação e elaboração de uma escola inclusiva é o professor. O professor das escolas regulares ainda sente-se pouco à vontade com o assunto, pois afirmam não ter preparo para lidar com deficientes como se este preparo se tratasse de alguma fórmula mágica que fará o aluno sentar-se adequadamente, não gritar, não bater nos colegas. A preocupação com “o que vou tentar fazer para que ele busque aprendizado” vem muito depois.

Faltam ainda em nosso sistema educacional milhares de pontos até que a inclusão consiga atingir seus objetivos. Como por exemplo: instituições de formação para professores onde eles sejam capazes de proporcionar ao mercado, profissionais preparados para entender a diversidade e aceitar as diferenças de ensino, diferentes formas de aprendizado e as diferentes formas de avaliação.

3.1- Algumas considerações sobre Inclusão Escolar

Com o fortalecimento de posições políticas favoráveis a garantir uma educação para todas as pessoas independente de classe, raça, gênero ou deficiência, bem como do respeito á diversidade cultural e individual do ser humano, a partir da década de 90, o debate sobre o paradigma da educação inclusiva tem ocupado um papel de destaque no cenário nacional.

A partir da conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, promovida pelo governo espanhol e pela UNESCO em junho de 1994, da qual foi signatários aproximadamente 100 países, inclusive o Brasil, foram adotadas linhas de

ação para a Educação Especial, dentro dos parâmetros da educação inclusiva, que vem influenciando a elaboração de políticas públicas, bem como as práticas educacionais. A Declaração de Salamanca, produto dessa conferência, reafirma o direito à educação de cada indivíduo, conforme a Declaração dos Direitos Humanos de 1948.

Pensar em inclusão escolar como “aprendizagem para todos”, diretamente associada à educação especial, torna importante elucidar seus pressupostos e compreender a evolução e abrangência desta concepção nos contextos educativos. Assim destaca-se que a expressão “necessidades especiais” na Declaração de Salamanca tem um caráter abrangente, envolve pessoas com “deficiências” e também pessoas que apresentam dificuldades de escolarização decorrentes de condições econômicas e socioculturais, mas esta pesquisa enfocou a inclusão escolar de aluno com necessidades educacionais especiais advindas de uma deficiência.

A Declaração de Guatemala, elaborada em 1999, como resultado final da Convenção Interamericana para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra Pessoas Portadoras de Deficiência, que foi instituída no Brasil através da promulgação do decreto 3.956, onde o Brasil compromete-se a:

Tomar as medidas de caráter legislativo, social, educacional, trabalhista ou de qualquer outra natureza, que sejam necessários para eliminar a discriminação contra pessoas portadoras de deficiência e proporcionar a sua plena integração à sociedade, (BRASIL, presidência da república, 2001, p.22)

As transformações sociais e políticas colocaram os movimentos em defesa dos direitos humanos e de melhores condições de vida no planeta como prioridades de todos os povos, independente das características geográficas e de peculiaridades étnico-culturais regionais. Com isso a apregoada educação para todos ultrapassou os limites da educação especial, e a partir desses princípios o conceito de “escola inclusiva” ou “educação inclusiva” vem sendo abordado por muitos autores.

Considerando que objetivo da inclusão escolar seja contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, sua prática depende de aceitação das diferenças individuais, da valorização de cada pessoa, da convivência entre a diversidade humana e, ainda, da aprendizagem através da cooperação, o que para

Sasaki (1999 é possível dizer que o seu princípio fundamental é a valorização da diversidade dentro da comunidade humana.

Nesse sentido, torna-se relevante citar as preposições de Vygotsky (1993) que diz que “ o desenvolvimento de uma criança deficiente, sempre, um processo criativo e que essa criança apresenta meios particulares de processar o mundo”. Sua abordagem incorpora a noção de compensação e, de acordo com o autor, no contato do indivíduo deficiente com o mundo externo surgem conflitos, e a resolução desses conflitos pode propiciar a emergência de soluções alternativas, que se constituem em formas qualitativamente diferentes das funções psicológicas superiores. Vygotsky (1993) privilegia a importância dada á aprendizagem escolar como promotora do desenvolvimento cognitivo de seus alunos.

Ao compreender o desenvolvimento como um processo qualitativamente diferente para cada indivíduo, no qual os obstáculos podem ser contornados por meio de processos compensatórios, sendo a mediação fundamental para a obtenção de bons resultados, as proposições de Vygotsky (1993) sobre o desenvolvimento oferecem uma visão da deficiência como uma normalidade social e as diferenças no desenvolvimento passam a ser vistas como variações qualitativas.

A inclusão pode trazer benefícios incontestáveis para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, desde que seja oferecida na escola regular, necessariamente, uma Educação Especial que, em um sentido mais amplo, segundo Paez (200,p.33), “significa educar, sustentar, acompanhar, deixar marcas, orientar, conduzir”.

Para Esteban (1989, p.77), “a concepção que o professor tem do mundo e do homem tem relação com sua concepção sobre o processo de alfabetização, assim como a leitura que faz do desenvolvimento da criança tem relação com a qualidade da sua intervenção”.

Destaca-se ainda Jerusalinsky e Paez (2001), para quem as concepções e expectativas familiares são de fundamental importância e que muito podem dizer sobre como essa criança poderá ser incluída no ambiente social. Mas para que essa inclusão seja efetiva, torna-se necessário mostrar á criança as representações e os traços privilegiados pelo discurso social para possibilitar que ela possa vir a representar-se nesse discurso.

Forest e Pearpoint (1997, apud Marquezine, 2003), destacam que o processo de inclusão escolar envolve aprender a viver com o outro, a estar com o outro e a ajudar uns aos outros. Implica na valorização da diversidade humana, pois entre seres humanos, não há como existir padronização e igualdades.

O princípio que rege a Educação é o que todos devem aprender juntos, sempre que possível, levando-se em consideração suas dificuldades e diferenças, em classes heterogêneas, com alunos das mesmas faixa etária (Schwartzman, 1999, p.257)

3.2- Algumas considerações sobre a Deficiência Mental

Alunos com Deficiência Mental, tal como outros tipo de deficiência, tem o direito a educação realizado em classes regulares de ensino e a complementação deste com o atendimento educacional especializado realizado em turno inverso na sua ou em outra escola da sua região. Este direito está assegurado pela Constituição Federal de 1998, pela LDBEN- Lei nº. 9.394/96 no parecer do CNE/CEB nº. 17/01 Além de constar, na lei nº. 10.436/02 no Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 e na resolução CNE/CEB Nº. 2 de 11 de setembro de 2001 que deixa claro este direito em seu artigo 1 onde diz:

“A presente Resolução institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades.

Parágrafo único. O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado.”

O atendimento educacional especializado é uma forma de promover o desenvolvimento de sujeitos com deficiência, atendendo suas particularidades e encontrando formas de facilitar o processo de inclusão. Embora este atendimento em Sala Multifuncional ainda não esteja funcionando na escola infantil, o aluno possui apoio e acompanhamento, dando o suporte necessário para o mesmo se sentir bem e se desenvolver.

Promover a diversidade escolar, social e cultural é o grande desafio da educação nacional, uma vez que hoje contamos com alunos diferentes entre si, seja no que diz

respeito a cultura, a deficiências, classes sociais, necessidades educacionais, etc. A este desafio damos o nome de inclusão. Adaptar a escola a essas nossas necessidades. Preparar a comunidade para novos desafios. Promover encontros inusitados que provavelmente não aconteceriam fora do contexto escolar, lutar pelo direito de respeitar e ser respeitado.

Uma realidade muito presente atualmente nas escolas é a presença de alunos com deficiência mental, leve ou moderada. Esses alunos, assim como qualquer outros, têm o direito de estar na escola regular, interagir com os demais e participar do processo de aprendizagem juntamente com seus colegas. Ocorre, porém que alunos com essas particularidades possuem ritmo diferenciado de aprendizagem, logo necessitam do atendimento educacional especializado para que nada afete seu desenvolvimento. Assim contamos com a certeza de o aluno estar assistido, ou melhor, estar sendo incluído no ensino regular.

A proposta pedagógica, numa visão construtivista do conhecimento, tem no aluno e nas suas possibilidades, o centro da ação educativa. Assim, o processo pedagógico é construído a partir das possibilidades, das potencialidades, daquilo que o aluno já dá conta de fazer. É isto que o motiva a trabalhar, a continuar se envolvendo nas atividades escolares, garantindo, assim, o sucesso do aluno e sua aprendizagem. O conteúdo e as atividades devem levar em conta o princípio da aprendizagem significativa: atividades que partam de experiências positivas para os alunos, dos interesses, dos significados e sentidos atribuídos pelo mesmo. Para isso, há necessidade de cooperação e troca com a família, que informa sobre os gostos, preferências, rejeições, vivências e informações que o aluno possui.

Dessa forma, a adaptação curricular é concebida como um conjunto de procedimentos que visam oferecer experiências de aprendizagem adequadas aos diferentes níveis e possibilidades de comunicação, motoras, cognitivas, sócio-emocionais e de vida diária.

Selecionar atividades que tenham significado, relação com a vida prática e experiência dos alunos leva a pequenas modificações e adaptações nos objetivos, conteúdos e avaliação; de forma que, o aluno com necessidade especial, tenha a

oportunidade de participar, de se envolver, de aprender e trabalhar junto com seus colegas no ensino regular.

Nessa proposta, os objetivos gerais, os conteúdos, os temas e as atividades são as mesmas, os objetivos específicos, as estratégias didático - metodológicas, os materiais, os recursos e equipamentos é que se diferenciam. As atividades e as formas de avaliar são diferenciadas para todos.

As crianças com deficiências, como as demais, apresentam particularidades, níveis heterogêneos de capacidade, necessidades educativas diversificadas, e requerem, em consequência disso, uma avaliação individualizada. Por isso, torna-se indispensável uma avaliação criteriosa e completa de cada criança, com orientações práticas e objetivas de toda a equipe que o acompanha, visando possibilitar mecanismos funcionais e de melhor aprendizagem.

Os procedimentos didáticos deverão ser discutidos, construídos e reformulados, em equipe, ao longo do ano. Torna-se importante, então, o professor registrar os pontos fortes e as dificuldades que a criança encontra para realizar as atividades, buscando, em conjunto com os demais profissionais, estratégias metodológicas para superação das eventuais dificuldades.

O professor precisa compreender que a criança com deficiência pode ser mais lenta para agir e dar respostas, por isso, é preciso dar mais tempo para que ela se expresse e realize as atividades. Dessa maneira, devem-se buscar formas positivas de interação e trocas comunicativas com a criança, tais como: toque, olhar, gestos, posturas, palavras adequadas ou símbolos que expressem a situação. Proporcionar atividades variadas, como fazer e construir coisas, brincadeiras com o corpo, objetos, jogos, histórias, teatro, música, modelagem, desenho, que permitam adquirir as noções de tempo, espaço, causalidade é muito importante; como também formar conceitos de classe, série, número, por meio de atividades de construção e reconstrução, de forma lúdica e prazerosa. Para isto, as atividades devem ter começo, meio e fim e serem adaptadas à possibilidade de comunicação, compreensão e ação da criança.

3.3- Algumas considerações sobre o lúdico, a música, a família e a literatura infantil

Neste processo de inclusão e acompanhamento ao aluno especial na educação infantil, o brincar vem como uma ferramenta indispensável para esta faixa etária, principalmente no que se refere ao manuseio, à organização, a divisão, no relacionamento e nas capacidades de imaginação e criação. Como Vygotsky (1991) já afirmava, o ato de brincar é muito importante para o desenvolvimento integral da criança. As crianças se relacionam de várias formas com significados e valores inscritos nos brinquedos. Pois, nas brincadeiras, as crianças ressignificam o que vivem e sentem.

As crianças brincam com o que têm nas mãos e com o que têm na cabeça.

(Broghe, 1995):

“Os brinquedos orientam as brincadeiras, trazem-lhe matéria. Algumas pessoas são tentadas a dizer que eles a consideram, mas, então, toda a brincadeira está condicionada pelo meio ambiente. Só se pode brincar com o que se tem, e a criatividade, tal como evocamos, permite, justamente, ultrapassar esse ambiente, sempre particular e limitado. O educador pode, portanto, construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados. Não se certezze de que a criança vá agir, com esse material, como desejaríamos, mas aumentamos, assim, as chances de que elas o façam, um universo sem certezas, só podemos trabalhar com probabilidades”.(Broghe, 95).

Brincar é coisa muito séria. Toda criança deveria poder brincar. A brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de realizar atividades coletivas livremente, além de ter efeitos positivos para o processo de aprendizagem e estimular o desenvolvimento de habilidades básicas e aquisição de novos conhecimentos.

As brincadeiras aparentemente simples são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança com qualquer tipo de deficiência e também é uma forma de auto-expressão. Talvez poucos pais saibam o quanto é importante o brincar para o desenvolvimento físico e psíquico do seu filho.

Para que a criança participe dessas atividades pedagógicas ela necessita de um professor disponível para dialogar e efetuar a mediação, tanto em termos de comunicação, como de ajuda física, na realização das brincadeiras e tarefas. Daí, a necessidade de os grupos, na Educação Infantil, serem pequenos; na creche (até 10

crianças) e na pré-escola (no máximo vinte), para que haja a inclusão da criança com necessidades educativas especiais.

Na Educação Infantil, a organização do tempo e espaço envolvem todas as atividades de cuidado, de brincadeiras ou de aprendizagem dirigida: no parque, na roda de conversas, na roda de histórias, na hora do faz-de-conta, nas oficinas de artes, música e na hora do lanche, todas essas situações requerem planejamento cuidadoso, para que a criança possa interagir, comunicar-se espontaneamente, ter uma ação funcional melhor, brincar e aprender.

O brincar e o brinquedo é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a educação. Pois ele ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, integra-se ao outro e constrói seu próprio conhecimento e aprendizagem.

“O brincar é um ato natural e saudável, essencial para o desenvolvimento infantil, pois integra a vida bio-psico-social da criança. Por meio da brincadeira a criança testa seus limites, dá espaço às fantasias, as compara com a realidade, experimenta trocas de papéis, explorando o mundo e a si mesmo, num processo de auto-conhecimento que desenvolve seu senso de cooperação, aprendizagem de regras e limites, traduz valores, costumes e formas de pensamento. A criança imita não só situações prazerosas como também elabora atos dolorosos e traumáticos, libertando-se de ansiedades e angústias, onde é possível diagnosticar e tratar problemas emocionais. No processo cognitivo, o brincar se dá pela aprendizagem de conceitos motores e fisiológicos” (FERREIRA, 2001; TAKATORI et al., 2001 *apud* FREITAS et al.,

Outro tema abordado neste estudo é a família, parte integrante e fundamental neste processo de crescimento e desenvolvimento da criança. Ela é responsável pela formação da personalidade de cada indivíduo que se desenvolve sofrendo influências genéticas e ambientais, o que torna cada indivíduo diferente. A família tem papel fundamental nesse desenvolvimento, fornecendo os primeiros relacionamentos da vida do bebê, onde ocorrem as primeiras trocas de sensações, emoções e linguagem, desde os primeiros momentos de vida.

Victoria Hidalgo e Jesús Palácios (2004, p.184) concluem que em todas estas teorias apresentadas há uma coincidência unânime em assinalar os pais e o contexto familiar como modeladores do desenvolvimento da personalidade infantil:

A forma como os pais manejam a satisfação ou a restrição dos desejos de seus filhos (Freud), a forma como respondem a suas condutas exploratórias e as suas iniciativas (Erickson), a forma como agem diante de sua teimosia ou suas graças (Wallon), a forma como moldam com reforços diferenciais as condutas sociais de seus filhos (aprendizagem social) são consideradas essenciais no desenvolvimento de um caráter mais acanhado ou mais onipotente, mais seguro de si mesmo ou mais cauteloso, com mais confiança ou mais inseguro.

A família desempenha um papel de extrema importância no desenvolvimento da criança, uma vez que é através desta que se constroem pessoas adultas com uma determinada auto-estima e onde estas aprendem a enfrentar desafios e a assumir responsabilidades.

Outro fator importante é o uso de contação de histórias dentro da sala de aula para tratar de assuntos relacionados a diferença e a diversidade, trazendo a tona situações do dia a dia que são vivenciados pelas crianças. Sendo um ponto cultural a ser explorado desde cedo nas escolas infantis, para que desde o princípio as crianças de um modo geral saibam que as diferenças existem e que devem ser respeitadas.

(...) vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p112)

Outro recurso usado foi à música como meio de interação, expressão e comunicação social do aluno em sala de aula. Pois desde o início do trabalho o aluno se mostrava interessado nesta área. O acordo Referencial Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p. 52) afirma que:

[...] aos poucos, a criança começa a contar com maior precisão de entonação, a reproduzir ritmos simples orientados por um pulso regular. Os batimentos rítmicos corporais (palmas, batidas nas pernas, pés etc.) são observados e reproduzidos com cuidado e, evidentemente, a maior ou menor complexidade das estruturas rítmicas dependerá do nível de desenvolvimento de cada criança ou grupo.

O educador pode trabalhar a música em todas as áreas de conhecimento, pois beneficiará a linguagem motora, o raciocínio, a memorização e a atenção. O simples ato de cantar proporcionará isso à criança.

[...] as crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos, canta enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo 'personalidade' e significados simbólicos aos objetos sonoros ou instrumentos musicais à sua produção musical. O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis etc. (BRASIL, 1998, p. 52).

Estes foram alguns pontos importantes usados e reforçados por autores que pensam e afirmam tais propostas que serão elaboradas e descritas no decorrer desta pesquisa.

4. ANÁLISES DOS DADOS

A partir do acompanhamento realizados com o aluno P em sala de aula em conjunto com a professora numa perspectiva lúdica, valorizando a música, além da cooperação da família e do auxílio do profissional de fonoaudiologia, percebi que houve uma melhora significativa no comportamento do aluno no que se refere aos aspectos sociais, cognitivos, lingüísticos assim como, dos próprios colegas e demais funcionários da escola quanto a informações e conhecimentos relacionados à diversidade.

Pois, para estimular a socialização do aluno no contexto escolar, logo com sua chegada, foi mostrada a sala onde ficaria, apresentado os colegas e a professora, além de todos seus departamentos, como: outras salas, banheiros, secretaria, direção, biblioteca, pátio e pracinha, com o intuito de apresentar todo o ambiente da escola e suas particularidades que foram vistas pelo mesmo com muita espontaneidade e curiosidade. Assim como, a interação do aluno com os demais colegas a partir de brincadeiras e jogos diversos. No primeiro momento o aluno se sentiu um pouco inseguro, mas logo com os brinquedos a sua volta e a intervenções de colegas e professores o aluno foi se rendendo a diversidade do espaço físico que a sala de aula apresentava.

Para estimular e desenvolver os aspectos cognitivos do aluno utilizei vários tipos de materiais e estratégias como: jogos diversos (de encaixe, de montagem, de memória, dominó de animais/frutas/cores, quebra cabeça), brinquedos (bola, carrinhos, bonecas, instrumentos sonoros, etc) tinta, pincéis, lápis, gravuras, modelagem, embalagens variadas, materiais de sucata, livros de histórias, brincadeiras no pátio de ordem motora, etc. nos momentos dos jogos, percebi que o aluno não sabia usá-los e não tinha uma boa compreensão sobre eles, portanto no decorrer das atividades sempre propúnhamos um jogo no início da aula para mediar brincadeiras em grupos para o mesmo ir absorvendo a função dos jogos entre outros. Muito lentamente também, observei que o aluno P observava seus colegas brincarem atentamente, vendo nestas ocasiões que o mesmo se mostrava disposto a jogar, o colocava no grupo. Era interessante, pois os colegas lhe diziam como fazer e ele com auxílio colocava as peças do jogo a mesa, mesmo durando pouco sua concentração e atenção

ele aproveitava aqueles momentos e se sentia mais seguro para jogar e aprender coisas novas.

Com a estrutura e os equipamentos que a sala de aula já oferecia, como, espelho, armários, estantes de brinquedos, quadro, foram também de grande auxílio para desenvolver a aprendizagem e o conhecimento do aluno, pois a mesma deve ser um espaço para a identificação e progresso das diversas habilidades humanas. É através dele que o aluno foi estimulado a guardar os materiais que utilizou, a selecionar, a pensar, agir, etc. nestes momentos de organização da sala o aluno levou um tempo para aprender que depois de usar os brinquedos eles devem ser guardados, aos poucos com intervenção e auxílio e vendo os demais colegas fazendo a mesma coisa, o aluno começou a guardar e organizar os brinquedos, sozinho. Assim como, atividades relacionadas à música e expressão corporal, o aluno P demonstrava entusiasmo para imitar gestos o que foi fácil para trabalhar atividades de esquema corporal, coordenação motora, memória, percepção visual e auditiva, lateralidade, etc. além de tarefas diárias para promover a sua autonomia, como por exemplo: sua ida ao banheiro freqüentemente, comer com talheres e beber líquidos no copo.

Para desenvolver os aspectos lingüísticos do aluno, foram realizadas atividades recreativas com fantoches para estimular sua expressão oral, além de exercícios de sopro, utilizando instrumentos musicais, para auxiliar na musculatura da boca. Assim como também o acompanhamento da fonoaudióloga para auxiliar neste processo de construção da fala. Nestes momentos de interação com os fantoches junto à turma se percebeu que o aluno exibia uma postura expressiva, exclamava sons vocálicos de ordem e ou quando os fantoches eram de bichos ele imitava os gestos e barulhos que os seus colegas pediam e faziam. Já com os instrumentos musicais de sopro, como a gaita de boca, flauta, etc o aluno mostrava dificuldades para posicionar a boca no orifício, ou em algumas situações fazia o movimento correto, mas sem assoprar, só conseguiu fazer o instrumento funcionar um pouco com o tempo e ao decorrer das aulas.

Com a família no primeiro momento foi realizada a entrevista, que se buscou por meio da anamnese, conhecer a história de vida da criança até o momento presente (gravidez, gestação, parto, nascimento), após informações importantes para o trabalho

com o aluno em sala de aula como, gostos, preferências, rejeições, vivências e informações que o aluno possui. Além de orientações para desenvolver as capacidades desta criança, como por exemplo, adaptar algumas rotinas e adotar algumas posturas diferenciadas que estejam impedindo o mesmo de progredir. Pois neste processo percebi que a mãe tratava o menino como um bebê, não deixava a criança agir sozinha, e a alimentava com papinhas, por isso foi orientada sobre a maneira correta de agir com a criança. Este trabalho com a mãe deste aluno foi muito importante, pois ela precisou se policiar diariamente, como ela mesmo afirma, construir novas formas de condutas para tratar do bem estar e do desenvolvimento de seu filho, pois até o momento a mesma acreditava que estava fazendo o melhor por ele.

Para o trabalho em turma sobre a diversidade e a diferença foi usada literatura, ou seja, contação de histórias tiradas da coleção ciranda das diferenças, que traz as vivências de personagens com alguma deficiência e/ou diferença, como: *A escola da tia Maristela*: que conta a história de uma escola pra ensinar golfinhos a participarem de espetáculos aquáticos. Certo dia eles recebem uma nova aluna que não aprendia como os outros. *A família sol, lá , si...*: que conta a história de uma família de elefantes roqueiros, porém um de seus integrantes, Nando, nasce com uma deficiência. *O problema da centopéia Zilá*: Conta a história de uma centopéia que tinha uma de suas perninhas mais curta que as outras. E assim por diante, foi utilizada literaturas infantis para tratar de cada assunto dentro da sala de aula, como uma forma de desenvolver a imaginação, emoções, sentimentos de um jeito prazeroso e significativo, a fim de entenderem que as diferenças humanas são normais. Nestes momentos em que foram utilizadas as histórias, os alunos demonstraram grande interesse e curiosidade pelos temas abordados, faziam comparação com o colega da sala, perguntavam se o seu colega iria ficar para sempre daquele jeito, quando ele iria aprender a falar e a ir sozinho no banheiro, a escrever, por que ele não aprende, etc. foi onde eu em conjunto com a professora da sala íamos conversando e respondendo a todas as indagações que surgiam fazendo relação com as histórias contadas.

Com o professor da sala sempre houve uma grande parceria no que se refere a planejamentos e adaptações em rotinas, trabalhos, etc., apesar do mesmo conseguir acompanhar os demais alunos, somente mais lentamente, os trabalhos se resumiam

sempre em atividades objetivas, rápidos e práticos, pois os trabalhos que exigiam mais tempo para elaboração, o aluno não conseguia concluir devido seu tempo de atenção e concentração diminuídos.

Com a apresentação de palestras informativas na escola em sábados letivos e em reuniões, foram colocadas as dúvidas de professores e funcionários, esclarecimentos sobre as deficiências, formas de ensino e o funcionamento da sala de AEE. Neste espaço surgiram vários questionamentos importantes, por exemplo: como tratar o aluno perante um mau comportamento? Como avaliar? O que é Síndrome de Down e suas características? Como vai ser o atendimento na sala de AEE? Estas e outras perguntas que se tentou responder e explicar da melhor forma possível, querendo com isso anar dúvidas trazer mais informações ao ambiente escolar e profissional e que foi aceito muito bem pelos colegas e funcionários da escola.

Todos estes trabalhos só reforçaram a idéia de que é por meio dos estímulos e do lúdico, que se propicia o interesse da criança pela atividade e é por meio delas, que descobrimos novas formas de ação e de compreensão sobre o processo de aprendizagem do aluno com deficiência mental, proporcionando resultado significativo no desenvolvimento cognitivo e social da criança. Outro fator que complementou e auxiliou no trabalho com este aluno foi à participação da família na escola, nas entrevistas, no comprometimento com as orientações feitas, que fez este conjunto, família-escola-professor-aluno darem certo. Além do trabalho realizado com os outros alunos ditos “normais” e com os demais professores e funcionários

Dentro dos aspectos cognitivos, o aluno P está mais adaptado as rotinas diárias da escola, não foge mais da sala, realiza com mais atenção e concentração as atividades propostas, aprendeu recortar e colar, está pintando dentro dos limites, está em desenvolvimento seu processo de escrita do nome. Nos aspectos lingüísticos, percebe-se que o aluno P está utilizando algumas palavras novas, ou seja, o nome dos colegas, dos lanches, das professoras, banheiro, etc. Nos aspectos sociais, está desenvolvendo o controle esfinteriano, já se alimenta sozinho, começou a usar talheres, utiliza o copo para beber, e se relaciona muito bem com colegas e professores. E atualmente participa do coral da escola, onde mostra grande interesse.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados deste estudo, o olhar sobre o processo de inclusão escolar deve ser de mudanças e inquietações, destacando a necessidade de transformações no sistema educacional, no sentido de considerar a criança, sua história, suas vivências, experiências, necessidades e o seu desenvolvimento global.

Tanto os pais da criança com deficiência, quanto o professor que tem este aluno incluído na sala de aula, mostraram sua dificuldade, falta de preparo, medo, super-proteção e insegurança na educação do mesmo, mas entendem e entenderam que para o desenvolvimento da criança e sua inclusão social e educacional, devem estar bem informados e preparados para entender e estabelecer maneiras para interagir, ensinar e compreender cada comportamento e dificuldades enfrentadas pelo aluno.

Segundo Mendes (2002), deve-se ter claro que os princípios norteadores da inclusão defendem que as escolas devem estar preparadas para identificar e responder às diversas necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem, garantindo assim uma educação de qualidade a todos.

Acredito nas mudanças de pensamento do professor frente ao aluno com D.M, uma vez que este também não estará mais trabalhando sozinho, pois, terá a quem questionar e tirar dúvidas. Assim, acredito que a efetivação da inclusão escolar requer mudanças, transformações nas questões subjetivas dos professores, suas crenças e seus valores, seus ideais e concepções sobre ensino-aprendizagem.

O processo de inclusão na Educação Infantil vai além das atitudes e práticas sociais. Compreende a participação da família e dos profissionais das diferentes áreas do conhecimento para as adaptações necessárias, para que as necessidades educativas específicas sejam atendidas, isto é apoio de uma equipe multidisciplinar.

Incluir é possível e desejável por muitas crianças e suas famílias. O importante é a escola não ter medo de começar e buscar ajuda e cooperação para construir uma prática pedagógica e social melhor.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, Evani Andreatta Amaral. Sentidos construídos sobre a independência de jovens com síndrome de Down por um grupo de pais e profissionais. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/sentidos_construidos.as>
- CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão? Campinas: Papirus, 1991.
- CARVALHO, Rosita Edler. Removendo as barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva- Porto Alegre: Mediação, 2000
- CARVALHO, Rosita Edler. A nova LDB e a educação especial-Rio de Janeiro: WVA, 2002.
- WERNECK, Cláudia. Muito prazer eu existo: um livro sobre as pessoas com síndrome de Down- Rio de Janeiro: WVA, 1993.
- WERNECK, Cláudia. Ninguém mais vai ser o bonzinho na sociedade inclusiva- Rio de Janeiro:WVA, 2000. 2º ed.
- BOGDAN, CR; BIKLEN, S. Investigação qualitativa em educação. Porto: Editora, 1994.
- BRASIL lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.
- CARVALHO, R.E. Falando de integração da pessoa deficiente: integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Memnon: Editora SENAC, 1997
- ESTEBAN, M.T. Repensando o fracasso escolar. Caderno de Pesquisa – CEDES, 1989.
- JESURALINSKY, N.A.; PAEZ, S.M. Carta aberta aos pais acerca da escolarização das crianças com problemas de desenvolvimento. Escritos da criança, 2001.
- PÁEZ, S.M. Integração em processo: da exclusão á inclusão. Escritos da criança, 2001.
- HIDALGO, V.; PALACIOS, J. Desenvolvimento da personalidade entre os dois e os sete anos. In: Coll, et. al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia evolutiva**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.p. 181
- VYGOTSKY, Lev Semenovich – **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes, 4ª ed. 1991.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil. Vol. 1 e 2. Brasil: MEC / sef, 1998.

[www.artigonal.com/.../a-contribuicao-das-**brincadeiras**-e-dos-brinquedos-na-pre-escola-](http://www.artigonal.com/.../a-contribuicao-das-brincadeiras-e-dos-brinquedos-na-pre-escola)

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

SCHWARTZAN.J.S: Colaboradores: Síndrome de Down.SP: Mackenzie, 1999

Marquezine.m.c: Colaboradores: Inclusão.Londrina: Eduel, 2003.